

A rememoração no jornal: tempo e expectativas no centenário de Canudos

Lidiane Santos de Lima Pinheiro¹

Resumo

O acontecimento jornalístico deve ser relevante e atual, conforme os critérios de noticiabilidade. Logo, precisa responder às expectativas do leitor e partilhar com este de um tempo (aparentemente) comum. Mas, como o jornalismo trabalha tais valores quando põe em relevo um acontecimento do passado? A fim de investigar tal questão, a partir da Análise do Discurso e das noções de expectativas do leitor e temporalidade, o artigo propõe analisar a construção jornalística de um fato histórico, cem anos depois de ter sido noticiado pela primeira vez. O corpus do estudo é composto pelas matérias do jornal *O Estado de S. Paulo* produzidas no centenário da Guerra de Canudos.

Palavras-chave: Discurso. Expectativas do leitor. Jornalismo. Rememoração. Temporalidade.

Abstract

The journalistic event must be relevant and current, according to the criteria of newsworthiness. Soon, it needs to answer reader's expectations and share with him a common (apparently) time. However, how the journalism works such values when highlights an event from the past? In order to investigate this issue, from the Discourse Analysis and the notion of the reader's expectations and temporality, the article proposes to analyze the journalistic construction of a historical fact, one hundred years after being reported for the first time. The corpus of the study consists of the matters the newspaper *O Estado de S. Paulo* produced at the centennial of Canudos' War.

Keywords: Speech. Reader's expectations. Journalism. Recollection. Temporality.

A supervalorização do presente em detrimento do passado é marca da sociedade moderna. Importa o novo, o que acontece agora. É sob tal perspectiva que a notícia é construída. Os jornais modernos tanto foram formados por essa cultura como possibilitaram a sua ampliação e difusão. A cobertura dos fatos atuais passa a ser a prioridade do discurso jornalístico, que constrói modos de distinguir eventos banais de acontecimentos singulares e investe sentido sobre estes, tratando-os como relevantes e respondendo às expectativas do leitor.

¹ Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) e professora adjunta da UNEB (Universidade do Estado da Bahia), departamento de Ciências Humanas (campus I). Área: Comunicação Social (ciências sociais aplicadas).

O jornalismo moderno, contudo, não deixa de atribuir relevância e atualidade a eventos do passado, considerados importantes para a sociedade:

o jornalismo faz não só do presente, mas também do passado, as referências fundamentais da sua experiência testemunhal do mundo. É na reconstrução do fato da atualidade, sempre fugaz, e também nos seus rituais de rememorações subseqüentes, que o jornalismo dá uma dimensão memorável à experiência humana e sentido a si mesmo como sujeito social/institucional (RIBEIRO; BRASILIENSE, 2007, p. 223).

Logo, é necessário à pesquisa do campo jornalístico não apenas revisar os modos como o discurso informativo atribui relevância e atualidade a eventos do presente, mas também averiguar como o faz em matérias que abordam um passado distante. Reconhecendo a ausência de estudos sobre tal questão, este artigo examinará a construção discursiva de um fato centenário – a Guerra de Canudos² – em textos jornalísticos que mobilizam o fator tempo como valor-notícia. A escolha do tema Canudos foi motivada pela importância que esta guerra tem, não apenas para a história do país (um dos maiores eventos da imprensa brasileira), como também para sua cultura (pelo grande número de publicações e produções acadêmicas e artísticas a ele relacionadas ainda na contemporaneidade).

É possível estudar a construção de sentido do acontecimento no discurso jornalístico: trabalhando com os contratos que entram em jogo no trabalho de sua configuração, com sua constituição simbólica, com os dispositivos enunciativos ou, enfim, por qualquer elemento que faça parte das condições de produção, circulação e recepção de tal discurso. Aqui escolhemos trabalhar com: expectativas do leitor (para verificar o efeito de relevância do fato histórico) e temporalidade (para investigar se e como a ocorrência do passado é apresentada como atual), a partir das seguintes questões: que tipo de expectativas o enunciador supostamente responde nos discursos sobre o fato histórico na imprensa moderna? Como a noção do tempo é posta em relevo na enunciação desse tipo de acontecimento?

Na primeira parte do artigo, trabalharemos com teorias do discurso e da notícia, visando compreender as noções de expectativas do leitor e de temporalidade no jornalismo. Depois, apresentaremos a metodologia a ser aplicada nas análises propostas. Por fim, analisaremos o discurso de *O Estado de S. Paulo* sobre a Guerra de

² A campanha de Canudos (1896-1897) foi uma das conseqüências da confusa instauração da República Brasileira. Contra o lugarejo monarquista, segunda maior cidade da Bahia na época, e seu líder Antonio Conselheiro, foram enviadas quatro expedições militares. No início de outubro de 1897, terminou a resistência sertaneja – vencida também pela fome, pelo cansaço e pela morte do líder Antônio Conselheiro.

Canudos no ano de 1997. A escolha deste jornal é justificada por seu destaque na cobertura da campanha de Canudos, em 1897, e por ganhar relevância na própria história da guerra, ao ter enviado como correspondente Euclides da Cunha (que, em 1902, publicou *Os sertões* – considerado ainda hoje “o livro de Canudos”).

A relevância e as expectativas do leitor

A *relevância* – “preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas” (TRAQUINA, 2005, p. 80) – o *tempo* – a novidade, o recente ou um acontecimento já publicado que pode servir como gancho para outros acontecimentos a ele ligados ou ser revisado em datas comemorativas – e a *consonância* – “a notícia deve ser interpretada num contexto conhecido, pois corresponde às expectativas do receptor” (TRAQUINA, 2005, p. 93) – são valores-notícia que operam de modo complementar (WOLF, 2003, p. 202) e envolvem as expectativas do leitor. Estas podem ser traduzidas por desejos ou necessidades interpretadas pelos produtores do jornal (lugar proposto ao destinatário pelo enunciador) e são importantes para que se enquadre um fato como acontecimento jornalístico. A consonância e a relevância são os valores que se relacionam mais diretamente com o público. A relevância “traduz significados que interessam particularmente ao auditório” (PONTE, 2005, p. 199) e a consonância tem relação com os saberes e as competências (semântica, enciclopédica, linguística etc.) do destinatário.

Entre jornalista e destinatário existem vínculos de credibilidade, confiabilidade e legitimidade – promessa de um relato fiel às principais ocorrências do dia. Não há, entretanto, uma determinação unilateral sobre as temáticas que serão relevantes para a organização, pois o jornal tanto “se pauta pelas expectativas da audiência quanto exerce também um papel bastante ativo através da agenda que disponibiliza, para que a audiência reelabore suas próprias expectativas” (GUERRA, 2004, p. 95).

Os temas abordados e a manutenção das operações e das funções dos meios de comunicação servem para aproximá-los da sua audiência. Afinal, é na repetição das operações e na constituição de funções tornadas conhecidas pelo leitor, que os contratos entre este e o enunciador podem ser estabelecidos e as expectativas podem ser formadas. Tais expectativas estão também relacionadas, portanto, à

autorreferencialidade – modalidade bastante comum na mídia contemporânea. O jornalismo é auto-referente, assim como todos os sistemas da sociedade moderna (LUHMANN, 2005). Ou seja, ele comunica algo distinto (é heterorreferencial), mas também reproduz a si mesmo na sua comunicação (é autorreferencial). Isso é observável, por exemplo, quando um programa promete outro programa, a enunciação se auto-descreve ou faz referência a suas próprias operações.

Logo, o sistema dos meios de comunicação não apenas trabalha com operações externas (noticiando objetos sem relação com a instituição ou o fazer jornalístico), mas refere-se “o tempo todo ao seu próprio estado de informação para poder descobrir novidades, surpresas e com isso valores informativos” (LUHMANN, 2005, p. 33). A modalidade autorreferencial aponta a legitimidade do trabalho jornalístico, ao explicar as intenções da sua agenda, e insere o leitor na cultura de produção jornalística.

A temporalidade

É também pela interação entre enunciadore e leitores que se estabelece o tempo – “basicamente pautado por um imaginário de criação de um sentido de atualidade, do *aqui* e do *agora* com o auditório” (PONTE, 2005, p. 194).

A temporalidade na história do jornalismo, principalmente a partir da revolução industrial, está ligada à busca pela velocidade da notícia. Com as tecnologias dos transportes e das comunicações, os jornais passaram a ter uma periodicidade diária e isso aumentou a aparência de simultaneidade e instantaneidade entre o acontecimento, a enunciação e a recepção da notícia: “O sentido predominante de instantaneidade que as experiências do jornalismo têm desenvolvido refere-se a uma desejada ausência de intervalo de tempo entre a ocorrência de um evento e a sua transmissão e recepção por um público” (FRANCISCATO, 2003, p. 149).

Instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública são os diferentes sentidos que possui a dimensão da atualidade jornalística, segundo Franciscato. A atualidade é uma categoria central no jornalismo e é compreendida pelo ciclo temporal de permanência dos acontecimentos ou dos produtos midiáticos à disposição do público.

O autor explica que querer saber o que há de novo no mundo é uma disposição ancestral do homem. A “novidade” é uma construção social de trazer à tona algum conteúdo desconhecido. Entretanto, a novidade não é plena no jornalismo, porque este habitualmente repete temas e tipifica eventos, dando ao leitor um sentimento de proximidade e familiaridade com o noticiado. Muitas vezes a cobertura de um mesmo acontecimento desdobra-se em edições diversas, que oferecem apenas novos aspectos do fato já noticiado.

A novidade, no jornalismo moderno, está relacionada a uma grande valorização do presente, que influencia a percepção do tempo na sociedade. Elton Antunes (2007) defende que há um afastamento da ideia de memória histórica e uma desestabilização da projeção de futuro na contemporaneidade; e nesse cenário a mídia desempenha o papel de produzir uma apologia ao instante, um “presentismo”: “Na afirmação radical do presente (atualidade) o jornalismo constrói a sua versão de neutralidade e objetividade reduzindo e encerrando tudo no momento atual. É da atualidade que ele organiza as histórias como sucessão. O passado e o futuro tendem a perder força, a amenizar-se” (ANTUNES, 2007, p. 81).

De alguma forma, o “presentismo” no jornalismo pode também ser pensado a partir do reforço mútuo entre narrativa e temporalidade. Para Paul Ricoeur (1994, p. 15), “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”. O autor considera que, como argumenta Santo Agostinho (2008): uma vez que as coisas de que falamos, quando as narramos, já não existem, e as que predizemos ainda não existem, só podemos considerar suas qualidades temporais no único tempo que efetivamente existe: o presente. Por isso, concorda que além do *presente do presente* (o agora), existe apenas o *presente do passado*, que é a memória (o pensamento do passado no presente), e o *presente do futuro*, que é a espera (a projeção do futuro no presente).

Metodologia e operadores de análise

Para a análise das matérias de *O Estado de S. Paulo* sobre Canudos, trabalharemos com conceitos-chave da Análise do Discurso: 1) *intertextualidade*, que é o encontro de duas materialidades textuais, a presença de um texto em outro (MAINGUENEAU, 2002); 2) *dialogismo*, que é a mobilização de outros discursos e de outros sujeitos na elaboração do discurso analisado – como réplica de outro

enunciado, como incorporação da voz do outro no fio do discurso ou como parte do processo de constituição discursiva do sujeito, que sempre apreende várias vozes sociais (FIORIN, 2008); 3) *déitico*, que é o “conjunto das operações pelas quais um enunciado se ancora na sua situação de enunciação”, pelo uso de pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa etc. (MAINGUENEAU, 2002, p. 108); 4) *enunciação* e 5) *enunciado*, sendo que aquela está no plano das modalidades do dizer e este está no plano do dito (VÉRON, 2004); 6) *enunciador* e 7) *coenunciador*, um conceito usado em oposição ao de receptor e ao de destinatário, que usualmente têm um sentido de passividade. O leitor pode ser considerado *coenunciador* por sua interação ou participação no discurso, através da produção de sentidos (MAINGUENEAU, 2002).

A partir de tais operadores, investigaremos: os modos de o *Estado* atribuir relevância ao tema pesquisado, os principais tipos de expectativas supostas pelos enunciadores e o posicionamento destes, ao propor um lugar ao coenunciador. Observaremos se a enunciação posiciona-se didaticamente, com distanciamento e pretensa objetividade, ou se a posição é de cumplicidade e diálogo, mobilizando valores culturais facilmente reconhecíveis pelo leitor (VERÓN, 2004, p. 233).

Elegemos o olho, o subtítulo e, principalmente, o título das matérias para verificar como o enunciador tenta chamar a atenção do leitor e, dessa forma, dialogar com suas expectativas. Afinal, no jornal, “dever-se-ia dizer que o acontecimento tem um lugar privilegiado, que é a região dos títulos” (MOUILLAUD, 2002, p. 77). O título, o subtítulo e o olho guiam a seleção das matérias pelos leitores. Boa parte destes, inclusive, lê apenas o título e o subtítulo, para julgar se o texto é de seu interesse.

Investigaremos também: as formas de dar relevo à temporalidade (*presente do passado, presente do presente e presente do futuro*, revelados nos verbos e nos vestígios da situação da enunciação), a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico e os modos como o passado da narrativa e o presente da enunciação se entrelaçam.

Análise: o centenário da Guerra de Canudos em *O Estado de S. Paulo*

O Estado de S. Paulo pertence ao *Grupo Estado* e é o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo ainda em circulação. Segundo o histórico disponível na sua

página on-line, ele foi fundado para concretizar “uma proposta de criação de um diário republicano (...) com o propósito de combater a monarquia e a escravidão”³. Sobre a produção do jornal durante a Guerra de Canudos e sobre a colaboração de Euclides, o site explica:

No início de 1888, meses antes da proclamação da República, Euclides da Cunha, então um jovem redator republicano expulso do Exército passa a colaborar com "O Estado", sob o pseudônimo de Proudhon. Neste mesmo ano "A Província" atingia a marca de 4.000 assinantes. Em janeiro de 1890, já com o nome de "O Estado de S. Paulo", a tiragem havia dobrado: 8 mil. Em 1896 a tiragem não consegue ultrapassar os dez mil exemplares, não por falta de novos leitores, mas devido às limitações do equipamento gráfico. Porém, uma nova máquina é adquirida e a tiragem pula para 18 mil exemplares durante a campanha de Canudos, quando eram ansiosamente aguardadas as reportagens enviadas por Euclides da Cunha através do telégrafo.

Canudos faz parte da história de *O Estado de S. Paulo*. Por isso, em 1997, enquanto a mídia nacional apenas abordava as comemorações do centenário da guerra, este jornal publicava textos inteiros de Euclides da Cunha no caderno principal (e também no *Jornal da tarde*). Nesse ano, *O Estado* publicou matérias sobre o tema em onze edições (14/01, 04/03, 01/04, 05/08, 17/09, 21/09, 22/09, 26/09, 27/09, 05/10 e 06/10), sendo a maioria dos textos publicada no *Caderno 2*.

É possível dividir as matérias de 1997 em três tipos, levando em consideração expectativas do leitor e temporalidade. A maior parte delas tem Canudos como gancho para eventos recentes. Os outros dois tipos de texto têm o próprio tempo como justificativa para rememorar Canudos, sendo que um tem linguagem mais jornalística (textos predominantemente narrativos) e o outro, mais acadêmica (predominantemente dissertativos). É importante notar que as primeiras foram publicadas em diferentes datas e as outras foram majoritariamente publicadas no dia 05 de outubro de 1997 – data exata do centenário do fim do conflito. Não foram considerados aqui os artigos republicados de Euclides.

As matérias que têm Canudos como gancho para eventos recentes parecem responder à suposta expectativa do leitor de obter informações sobre produções culturais contemporâneas e novidades relacionadas ao tema. Por isso, no final dos textos, há geralmente um quadro intitulado “Serviço”, com informações resumidas do local, data e título do evento mencionado ou nome do autor, editora, preço e título do livro relatado.

³ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/historico/index.htm>. Acesso em: 22 jan. 2009.

“Instituto festeja centenário de Canudos”, de 14 de janeiro, é o primeiro texto deste jornal sobre o tema em 1997. Uma vez que o título faz referência ao centenário de Canudos, o subtítulo (“Sertões, programação de curtas e longas-metragens e de fotos, pode ser visitada até o dia 2”) e o olho (“Especialistas darão três palestras sobre o tema, na quinta, na sexta e na terça que vem”) dão a entender que a programação de filmes, fotos e palestras têm por tema Canudos – o que faria com que o leitor interessado no explorado, mas ainda intrigante tema lesse a matéria. Contudo, no corpo do texto, as únicas referências ao conflito sertanejo são feitas no primeiro parágrafo, que faz uma breve narrativa do início da guerra e que finaliza dizendo: “inspirou um clássico da literatura: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha”, e no terceiro parágrafo, quando o enunciador cita um ensaio do fotógrafo Viggiani, “publicado pelo *Estado* em 21 de novembro de 1996, quando o jornal lembrou o centenário de Canudos”. Os outros nove parágrafos apenas descrevem o que será apresentado no evento “Sertões”, promovido pelo Instituto Cultural Itaú, que nada tem a ver com a guerra em si, pois a amostra é sobre o sertão. Canudos aqui, portanto, é usado para dar relevância e chamar a atenção do leitor para o texto.

Quatro matérias ainda do início do ano mostram uma maior vinculação do jornal com o tema, seus mistérios e questões não respondidas: “Parente revê a história do vilão de Canudos”, de 04 de março; “Canudos, o *enigma* que ninguém decifrou”, de 1º de abril; “Obra *joga luz* sobre o maior genocídio do país”, de 05 de outubro; “Livro de Benício *é anterior ao de Euclides*”, da mesma data. O relevo dado a uma possível revisão da história e o nomear de “enigma” e o “jogar luz” sobre o tema indicam a existência de saberes ainda não desvendados, que despertariam a curiosidade do leitor. O terceiro título instiga o leitor pela revelação do livro anterior ao de Euclides, único geralmente conhecido sobre o assunto.

Outros títulos que têm Canudos como gancho para eventos recentes:

- a) Título: “Exposição documenta cem anos de Canudos” (10 de maio); subtítulo: “Imagens da época e ilustrações resgatam a história da guerra do fim do século 19”. A noticiabilidade está associada à raridade das imagens do século XIX;
- b) Título: “Atos culturais lembram cem anos de Canudos” (05 de agosto); subtítulo: “A programação inclui seminários, lançamento de livros, discos e de épico de Sérgio Rezende”. Mesmo que, na entrevista publicada por este jornal em abril, Sérgio Rezende tenha explicado que o filme não se encaixa no gênero “épico”, é

assim que é adjetivado neste enunciado, possivelmente para aumentar-lhe a importância;

- c) Título: “Local de guerra vira parque temático” (05 de agosto); subtítulo: “A área está próxima às ruínas do Arraial do Belo Monte, de Antônio Conselheiro”. Ênfase sobre o fato de o empreendimento turístico ser próximo ao local da guerra;
- d) Título: “Livro recria cenário de Canudos em preto-e-branco” (06 de outubro); subtítulo: “O documento, com imagens de Evandro Teixeira e textos de Ivana Bentes, será lançado amanhã”. Parece que o livro vai recriar o cenário da Guerra de Canudos que, na verdade, está coberto pelo açude de Cocorobó;
- e) Título: “Crônica ao rés do sertão” (22 de novembro); subtítulo: “Fonte primária para estudo do conflito de Canudos, ‘O Rei dos jagunços’, publicado em 1899, narra vida e pensamento da gente de Conselheiro”. A relevância está aí no fato de o livro de Manoel Benício ser qualificado como fonte primária para estudo do tema.

As matérias que têm o próprio tempo como justificativa para lembrar Canudos foram escritas por jornalistas ou especialistas do tema. Os lugares de fala são perceptíveis pelo tipo de texto e pela linguagem usada. Os artigos dos não-jornalistas têm trechos narrativos, mas são predominantemente argumentativos. Neles, o dialogismo com autores acadêmicos fundamentam suas afirmações e conhecimentos enciclopédicos são exigidos do leitor, pois nem sempre há explicações para as referências usadas.

Saberes extratextuais relacionados à História são requeridos para que o coenunciador construa coerentemente os sentidos do texto, por exemplo, em “Fim da ilusão *Jacobina*”, de 06 de outubro: “Euclides da Cunha embarcou para o sertão da Bahia certo de que veria uma revolta monarquista, mas perdeu sua inocência na nossa *Auschwitz*”; “a Revolução de 1917 realizaria as esperanças da ruptura com despotismo”; “Não houve racionalidade no Terror jacobino”. As expectativas que aqui podem ser respondidas pelos enunciadores são relacionadas a leituras críticas e mais aprofundadas sobre Canudos, para quem já é iniciado no tema.

Aprofundar-se no assunto é também uma expectativa à qual tentam responder os enunciadores jornalistas. Contudo, estes não exigem muitas informações anteriores (referências enciclopédicas) e sua construção narrativa, majoritariamente em ordem cronológica, facilita a leitura. Disto se conclui que a

principal expectativa por eles suposta é a de conhecer mais sobre a Guerra de Canudos, seu contexto histórico e o autor que a tornou célebre – independente do nível de conhecimento que se tenha sobre o tema. Por isso, os subtítulos chegam a adiantar importantes informações dos textos: “Em 5 de outubro de 1897, acudados por milhares de soldados, caíram os últimos quatro defensores do arraial baiano e das ideias de Antônio Conselheiro, como relatou Euclides da Cunha em *Os Sertões*” (Título: “Cem anos de Canudos”); “Euclides da Cunha foi pioneiro na descrição dos intensos contrastes sociais brasileiros” (Título: “Escritor denunciou as misérias nacionais”); “No dia 5 de outubro de 1897, as tropas do exército, com canhões, metralhadoras e bombas, punham abaixo o arraial de belo Monte e o sonho libertário de Antônio Conselheiro” (Título: “Canudos, 100 anos” – *Jornal da tarde*) – todos publicados em 5 de outubro de 1997.

Todas as matérias analisadas, independentemente do posicionamento do enunciador, citam o escritor Euclides da Cunha. A maioria explica que ele foi o autor de *Os sertões* e o associa a *O Estado*. Quando o nome do jornal aparece no texto, é em negrito, o que o distingue dos demais grifos. Isso é, portanto, um claro sinal de autorreferencialidade, assim como a publicação, em outubro e novembro de 1997, dos últimos artigos de Euclides, hoje disponíveis no livro *Diário de uma expedição*.

No “Euclides da Cunha Especial/100 anos”, em 26 de setembro, o enunciador declara: “Euclides da Cunha tornou-se o principal expectador dos embates”; e em 27 do mesmo mês, afirma que o texto ali republicado mostrava “a admiração de Euclides pela força dos seguidores de Antônio Conselheiro”. O enunciador exalta a figura do correspondente e oculta os pontos negativos associados a Euclides (como suas teorias racistas e deterministas, além dos adjetivos negativos com os quais qualificava Conselheiro e os conselheiristas). Assim, valoriza o próprio jornal, pela relação sempre explicitada entre este e o escritor. Tal processo de ratificar os pontos positivos da produção de Euclides e ocultar o que não lhe interessava pode, ainda, ser observado em outras matérias.

Em “Cem anos de Canudos”, apesar de o título e o subtítulo relevarem o centenário, a ênfase do enunciado não está na guerra em si, mas em elementos metalinguísticos, ou seja, na valorização da própria produção jornalística de *O Estado de S. Paulo*. A matéria é iniciada apresentando dois personagens importantes para a história deste jornal: “O convite feito por Julio Mesquita ao poeta e engenheiro militar fluminense Euclides da Cunha para acompanhar o ministro da Guerra a

Canudos na qualidade de repórter, trouxe ao Brasil uma nova informação: a informação de si mesmo”. Elogiando a figura de Euclides, a matéria substitui o foco no acontecimento pelo foco no antigo correspondente. Ainda nessa linha de exaltação do personagem:

Euclides da Cunha brilhou pela independência do olhar. Jamais escreveu uma página de ficção. Formado à luz positiva da razão, da sociologia, da análise matemática, foi capaz de entrelaçar ciências puras e humanismo, num enfoque telúrico, claro, desprendido do oficialismo imperante e irrigado por extraordinário talento literário. Um olhar que até hoje ilumina o nosso – e informa bem.

O enunciador apresenta Euclides como escritor e repórter, porém, ao elogiar sua escrita, deixa ambíguo a que discurso exatamente se refere (o literário ou o jornalístico?). Ao abordar a múltipla formação do personagem, dá brilhos à sua intelectualidade e ao seu cientificismo, que são características valorizadas culturalmente na atualidade. Associa a Euclides: isenção, clareza, independência do olhar, verdade (“jamais escreveu uma página de ficção”) e informação. Assim, o enunciador apresenta valores do jornalismo moderno (bem distintos dos valores do jornalismo da época, opinativo e partidário) como argumentos elogiosos à boa redação do autor.

A construção da imagem de Julio Mesquita (que dirige o jornal desde 1888) não é diferente. O enunciador afirma que ele foi o primeiro homem a dar “estímulo e impulso” a Euclides, “fazendo-o repórter e incentivando-o a escrever *Os sertões*, do qual o *Estado* publicou os *Excertos de um Livro Inédito*”. O enunciador, no entanto, silencia (pois esta informação diminuiria a carga valorativa do jornal) que após a escrita do livro, Euclides procura o *Estado*, mas este se recusa a editá-lo. Esta informação também parece inicialmente ocultada na matéria “Escritor denunciou as misérias nacionais”: “assinara com o *Estado* um contrato em que se obrigava, além da cobertura do conflito (por meio de telegramas e cartas), a escrever um livro sobre a sua experiência” – o trecho faz entender que o jornal o ajudou na publicação. Apenas três parágrafos depois o enunciador explica em poucas palavras: “Custeando com seu dinheiro, editou o livro em 1902”.

Quanto à temporalidade dos títulos, os que têm Canudos como gancho para eventos recentes são construídos no presente. Assim, o acontecimento histórico é atualizado por fatos contemporâneos ao enunciador e ao coenunciador. Porém, na leitura do corpo do texto, percebe-se que estes eventos pertencem ao presente do

passado (ainda que de um passado recente: entrevistas, publicações) ou ao presente do futuro (lançamentos, programações etc.). Trabalhando menos com datas cronológicas (que indicam um momento preciso) do que com dêiticos (“hoje”, “agora”, “amanhã”, “Este é o mês do centenário da guerra”), o enunciador justifica a atualidade do tema – geralmente, no final do texto: “Tudo isso insiste em permanecer atual (...). Canudos ainda é uma ferida aberta na memória nacional” (05/11); “Ao ler seu relato, é difícil não lembrar os recentes massacres ocorridos no Brasil, cem anos depois de Canudos” (05/10); “neste primeiro centenário da destruição de Canudos, atuais são ainda a pobreza das populações sertanejas, a imensa desigualdade social, a ignorância, a violência, o cego conservadorismo das elites brasileiras” (22/11).

Nos textos que têm o tempo como justificativa para ainda se noticiar Canudos, o passado é predominante. Em “Escritor denunciou as misérias nacionais” (cujo enunciado é concentrado na vida de Euclides, sua colaboração para *O Estado* e sua morte trágica), não apenas o título e o subtítulo são construídos no pretérito perfeito, mas praticamente todo o texto. Em “Canudos, 100 anos”, a pretensão não é apenas revisar o passado. Sua construção intercala parágrafos narrativos da história, com parágrafos no presente, que descrevem a situação da Canudos de 1980 até o período de publicação do jornal. Assim, busca provar a atualidade do acontecimento histórico: “5 de outubro, 1897: (...) o arraial de Belo Monte era destruído”; “5 de outubro, 1997: um século depois, Canudos (...) continua na mesma pobreza dos tempos da guerra”; “A primeira Canudos, destroçada, foi toda incendiada”; “A segunda Canudos, construída sobre os escombros da primeira, foi tragada pelas águas do açude Cocorobó”; “A terceira Canudos é esta. Seus moradores conhecem pouco a História”; “A Canudos de hoje traz em sua bandeira (...) um canhão”. O enunciador também não deixa de fazer reverência ao correspondente de *O Estado*, relacionando-o à memória do tema: “Canudos foi riscada do mapa – e assim ficaria (a História não iria lá) se não fosse o *livro-vingador* de Euclides da Cunha” – adjetivo dado pelo próprio autor de *Os sertões*. Por fim, no último parágrafo, há uma projeção do porvir: “Novos sinos de Canudos dobrarão nas romarias do final do mês, como se cantassem essa árvore de histórias, com o fascínio de permitir ainda a descoberta de fatos novos. Mesmo depois de cem anos”. Assim, ao enunciar o acontecimento histórico, passado, presente e futuro se entrelaçam no jornal.

Considerações Finais

Nos arquivos sociais dos meios de comunicação, o fato com maior probabilidade de ganhar notoriedade é o que indica ainda alguma incompletude; pois, quanto mais recuado de esclarecimentos ele parecer, mais produzirá um “excesso de falas destinadas a dissimular sua ausência” (MOUILLAUD, 2002, p. 82). Após cem anos, enigmas de Canudos continuam despertando o interesse da mídia, que permanece fazendo inventários sobre o que ocorreu e de como o ocorrido repercute na atualidade.

Todavia, o interdiscurso interfere nessa produção discursiva. Ao longo do tempo, *O Estado de S. Paulo* saiu do discurso que defendia a destruição do arraial antirrepublicano e que chamava o Conselheiro de inimigo, em direção à rememoração dos horrores provocados pela guerra fratricida e à consideração de Conselheiro como patriarca ou um quase herói (discurso “politicamente correto” da atualidade).

Aliás, os acontecimentos são sempre transformados discursivamente pela produção de efeitos sentido e pelos processos de leituras. Primeiramente, o discurso jornalístico descontextualiza o acontecimento referencial e o recontextualiza, como acontecimento jornalístico. Depois, nos casos em que o fator tempo justifica noticiá-lo novamente, ano após ano ele vai sendo recontextualizado e transformado, conforme mudanças na leitura da história e no próprio jornalismo.

A evocação (e o reforço) de um paradigma e a produção de uma diferença são as principais funções de um jornal, segundo Mouillaud (2002, p. 107). Tais funções são respondidas nas matérias aqui analisadas. As que têm Canudos como gancho para eventos recentes respondem à suposta expectativa de obter informações sobre novos eventos e sobre descobertas associadas ao tema e são apresentadas nas modalidades do jornalismo cultural ou do jornalismo de serviço, que suprem também expectativas próprias da sociedade do consumo e do entretenimento.

Nas matérias cujo tempo/data comemorativa é a justificativa para rememorar Canudos, o posicionamento é didático – diferentemente das anteriores, cujo posicionamento era de cumplicidade com o leitor. As escritas por jornalistas parecem responder à expectativa de conhecer mais sobre Canudos e sobre o autor que a tornou célebre; e as escritas por especialistas, à suposta expectativa de o leitor ter acesso a críticas e a discussões aprofundadas sobre o tema.

A autorreferencialidade também ganhou relevo na análise da produção jornalística de *O Estado de S. Paulo*. Cem anos depois da Guerra de Canudos, o jornal relê os fatos, liga-os a eventos atuais e, ao mesmo tempo, estabelece relações do acontecimento consigo mesmo. Dessa forma, *O Estado* intensifica suas operações autorreferenciais nos anos “comemorativos” da guerra, visando se aproximar do leitor e também diferenciar-se dos concorrentes.

Por fim, no discurso jornalístico, o distanciamento temporal parece inexistir, como se enunciador e leitor partilhassem do mesmo “agora”. O tempo se estende e se comprime, indo do presente da enunciação às referências do passado e à antecipação do futuro. A memória e a previsão ganham um grande relevo, mas o passado e o futuro são mobilizados a partir do presente e em função deste. Mesmo nas matérias que tem o tempo como gancho, ou seja, as que são escritas predominantemente no passado e que objetivam narrar a história, a guerra é atualizada e explicada a partir de temas significantes para o tempo presente, usando referências compartilhadas com o leitor. Portanto, é principalmente pelas modalidades de dizer, e não pelos ditos, que o fato histórico mantém-se como relevante e atual no discurso jornalístico.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2008. (Série Ouro – Coleção a obra prima de cada autor).
- ANTUNES, Elton. *Videntes Imprevidentes*: temporalidade e modos de construção do sentido de atualidade em jornais impressos diários. Salvador: Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas na UFBA, 2007.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*: campanha de Canudos. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices: Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê, 2002.
- _____. *Diário de uma expedição*. Organização Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Latras, 2000.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A atualidade no jornalismo*. Bases para sua delimitação teórica. Salvador: Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas na UFBA, 2003.
- GUERRA, Josenildo Luiz. *O percurso interpretativo na produção da notícia*. Salvador: Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas na UFBA, 2004.
- Histórico do jornal O Estado de S. Paulo. In: <http://www.estadao.com.br/historico/index.htm> - acessado em 22/01/2009.
- LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação*. Tradução Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulus, 2005.

- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 2. ed. São Paulo: Cortez: 2001.
- MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: UNB, 2002. (Coleção Comunicação, 2)
- PONTE, Cristina. *Para entender as notícias – Linha de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular, 2005.
- Ricoeur, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.
- RIBEIRO, Ana Paula G.; BRASILIENSE, Daniella R. Memória e narrativa jornalística. IN: *MÍDIA E MEMÓRIA: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. V. II. Florianópolis: Insular, 2005.
- VERÓN, Eliseo. *Fragments de um tecido*. Tradução Vanise Dresch. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação de massa*. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção leitura e crítica).